



[www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br)  
[www.undp.org/hdr2003](http://www.undp.org/hdr2003)

Embargado até 8 de julho de 2003

**Contatos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento:**

*Nova Iorque:*  
William Orme  
Tel:(212) 906-5382  
[william.orme@undp.org](mailto:william.orme@undp.org)

*Londres:*  
Christelle Chapoy  
Tel:(44) 20 7630 9361  
[christelle.chapoy@undp.org](mailto:christelle.chapoy@undp.org)

*Genebra:*  
Laura Ngo-Fontaine  
Tel:(41 22) 917 83 61  
[Laura.ngo-fontaine@undp.org](mailto:Laura.ngo-fontaine@undp.org)

*Paris:*  
Abdoul Dieng  
Tel:(331) 45 68 49 13  
[abdoul.dieng@undp.org](mailto:abdoul.dieng@undp.org)

*Bangkok:*  
Cherie Hart  
Tel:(662) 288-2133  
[cheri.hart@undp.org](mailto:cheri.hart@undp.org)

*Bratislava:*  
Sandra Pralong  
Tel:(421) 2 59 337 428  
[sandra.pralong@undp.org](mailto:sandra.pralong@undp.org)

*Copenhague:*  
Ragnhild Imerlund  
Tel:(45) 35 46 71 50  
@undp.org  
[ragnhild.imerslund@undp.org](mailto:ragnhild.imerslund@undp.org)

*Tóquio:*  
Akiko Fujii  
Tel:(81) 35 467-4853  
[akiko.fujii@undp.org](mailto:akiko.fujii@undp.org)

*Brasília:*  
José Carlos Libânio  
Tel:(55 61) 329-2000  
[rdh2003imprensa.@undp.org.br](mailto:rdh2003imprensa.@undp.org.br)

## O Brasil e as Metas de Desenvolvimento do Milênio

### Sem acelerar combate à pobreza, país não atingirá 1ª Meta em 2015

No Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) de 2003, os autores fazem uma advertência sobre o ritmo de diminuição da miséria no Brasil: "Apesar de a pobreza ter começado a cair no começo dos anos 90, isso ocorreu de modo desigual - e não tão rápido quanto o necessário para o Brasil atingir a Primeira Meta do Milênio". Entre o final da década passada e o ano de 2001, 9,9% dos brasileiros viviam com o equivalente a menos de 1 dólar por dia – dólar medido pela paridade do poder de compra. A Meta número 1 é reduzir esse valor a 4,95% até 2015.

Segundo o RDH 2003, embora o Nordeste tenha conseguido uma redução dramática, no passo atual a região Sul é a única que deve conseguir cortar a pobreza pela metade até 2015. O texto segue dizendo que o Norte do país é a única região que viu a pobreza crescer, de 36% em 1990 para 44% em 2001. Os dados são extraídos de uma pesquisa anual do IBGE, a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), que, no caso dos Estados do Norte, se limita às áreas urbanas.

Os autores do RDH perguntam por que tantas pessoas são deixadas para trás mesmo se a evolução global do país é positiva. A resposta, segundo eles, é que o problema não é a falta de recursos, mas a persistência de um alto grau de desigualdade.

A região Norte está sendo deixada para trás, segundo o RDH, não apenas no que diz respeito à pobreza, mas também em outras dimensões. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) regional não tem evoluído o suficiente, ao contrário do que ocorreu com o IDH no Nordeste e no Sudeste, por exemplo. O Relatório conclui com a recomendação de que mais recursos sejam eficientemente dirigidos ao Norte, por causa da tendência negativa, e ao Nordeste, devido aos seus ainda baixos índices de desenvolvimento humano.

Esse trecho do RDH 2003 é um bom exemplo da situação brasileira frente às Metas do Milênio. O país alterna performances acima da média em alguns dos indicadores e, em outros casos, desempenho preocupante o suficiente para ser enquadrado entre os países que precisam dar "alta prioridade" a alguns indicadores para conseguir atingir as metas propostas para 2015.

No Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) de 2003, os autores fazem uma advertência sobre o ritmo de diminuição da miséria no Brasil: "Apesar de a pobreza ter começado a cair no começo dos anos 90, isso ocorreu de modo desigual - e não tão rápido quanto o necessário para o Brasil atingir a Primeira Meta do Milênio". Entre o final da década passada e o ano de 2001, 9,9% dos brasileiros viviam com o equivalente a menos de 1 dólar por dia – dólar medido pela paridade do poder de compra. A Meta número 1 é reduzir esse valor a 4,95% até 2015.

Segundo o RDH 2003, embora o Nordeste tenha conseguido uma redução dramática, no passo atual a região Sul é a única que deve conseguir cortar a pobreza pela metade até 2015. O texto segue dizendo que o Norte do país é a única região que viu a pobreza crescer, de 36% em 1990 para 44% em 2001. Os dados são extraídos de uma pesquisa anual do IBGE, a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), que, no caso dos Estados do Norte, se limita às áreas urbanas.

Os autores do RDH perguntam por que tantas pessoas são deixadas para trás mesmo se a evolução global do país é positiva. A resposta, segundo eles, é que o problema não é a falta de recursos, mas a persistência de um alto grau de desigualdade.

A região Norte está sendo deixada para trás, segundo o RDH, não apenas no que diz respeito à pobreza, mas também em outras dimensões. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) regional não tem evoluído o suficiente, ao contrário do que ocorreu com o IDH no Nordeste e no Sudeste, por exemplo. O Relatório conclui com a recomendação de que mais recursos sejam eficientemente dirigidos ao Norte, por causa da tendência negativa, e ao Nordeste, devido aos seus ainda baixos índices de desenvolvimento humano.

Esse trecho do RDH 2003 é um bom exemplo da situação brasileira frente às Metas do Milênio. O país alterna performances acima da média em alguns dos indicadores e, em outros casos, desempenho preocupante o suficiente para ser enquadrado entre os países que precisam dar "alta prioridade" a alguns indicadores para conseguir atingir as metas propostas para 2015.

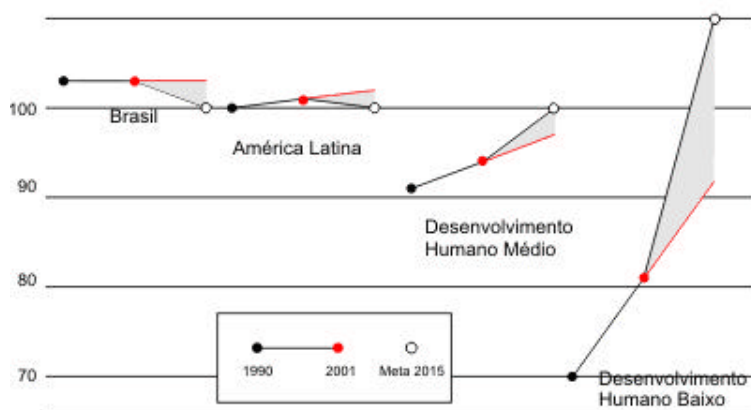
Não há dados para todos os 48 indicadores que compõem as 8 Metas do Milênio, mas entre aqueles apresentados pelo Relatório, o Brasil se destaca positivamente na equidade de gênero e no acesso ao ensino fundamental, fica próximo à média latino-americana no combate à fome e na mortalidade infantil, e tem um desempenho preocupante no acesso ao saneamento básico.

A igualdade de oportunidade entre os sexos é medida nas Metas do Milênio pela proporção de meninas em relação ao número de meninos matriculados nos níveis de ensino fundamental e médio. O objetivo é que haja paridade, ou seja, que exista uma aluna do sexo feminino para cada aluno do sexo masculino. Isso se traduz em uma taxa de 100%. No caso brasileiro esse valor já é de 103%, indicando uma maior proporção de estudantes mulheres do que homens e o cumprimento antecipado da meta.

## IGUALDADE DE GÊNEROS

Taxa de alfabetização na faixa etária dos 15-24, ambos os sexos, por cento

**Meta:** Eliminar a disparidade entre os sexos no ensino primário e secundário, se possível até 2005, e em todos os níveis de ensino, a mais tardar até 2015.

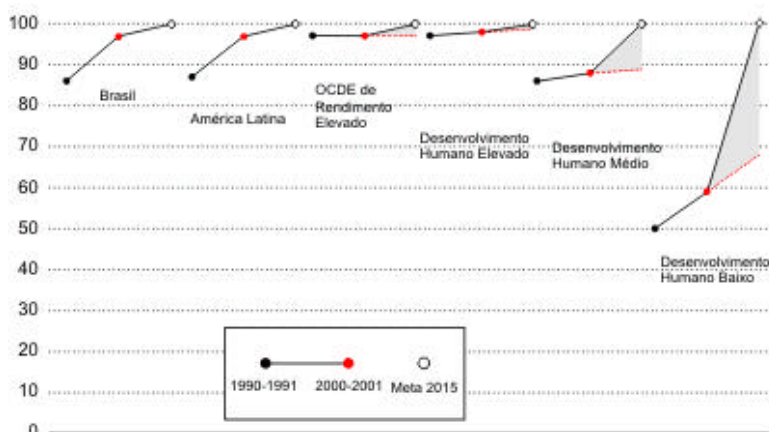


Para a educação, o Relatório mostra dados referentes à taxa líquida de matrícula no ensino fundamental. São considerados nesse indicador os jovens de 7 a 14 anos matriculados na escola em comparação à população dessa faixa etária. Entre 1990 e 2001 a taxa brasileira passou de 87% para 97%, se aproximando rapidamente da meta de 100%, ou seja, garantir que todas as crianças até 14 anos estejam na escola.

## EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Taxa líquida de matrícula no ensino primário (%)

**Meta:** Garantir que, até 2015, todas as crianças, de ambos os sexos, terminem um ciclo completo de ensino básico.

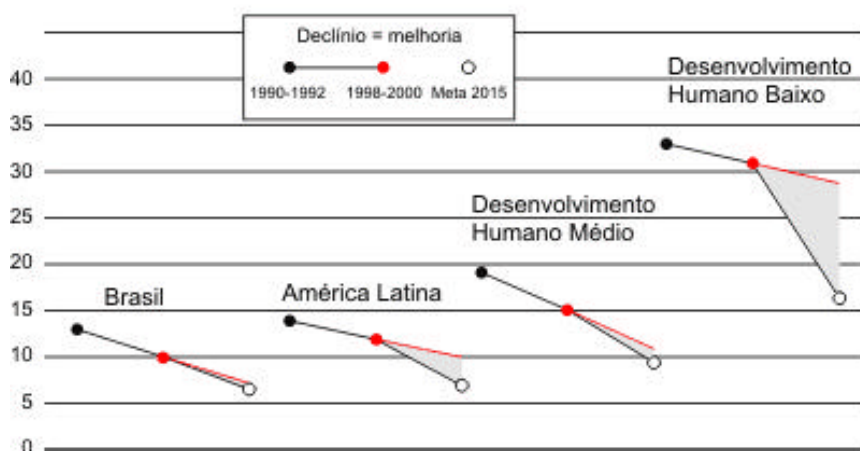


No que diz respeito ao combate à fome, o desempenho brasileiro vem sendo ligeiramente superior ao da média da América Latina e próximo ao do conjunto de países com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio. Os números até agora sugerem que o país tende a atingir a meta de, até 2015, reduzir à metade a proporção da população que sofre com esse problema. Segundo o Relatório, a porcentagem desnutrida da população brasileira caiu de 13% para 10% entre 1990 e 2001. A meta é que chegue a 7% até 2015.

## FOME

### Porcentagem da População que é subnutrida

Meta: Reduzir pela metade, entre 1990 e 2015, a proporção da população que sofre de fome.

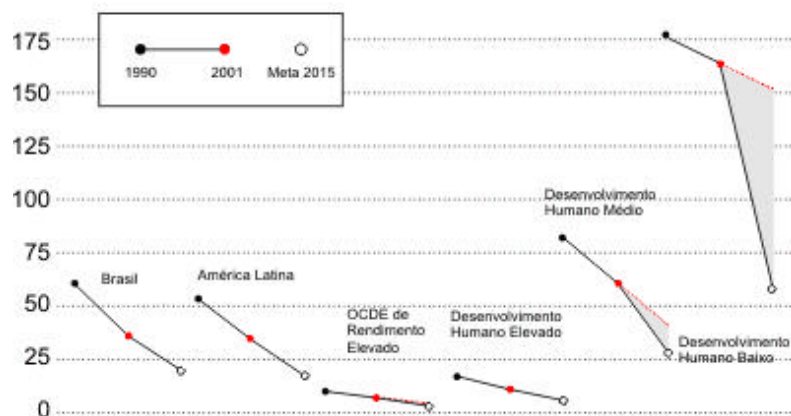


Na dimensão da saúde, o indicador escolhido para estar no Relatório é a razão de mortes de crianças de até 5 anos de idade para cada mil nascidos vivos. O Brasil vem reduzindo essa taxa praticamente no mesmo ritmo que a média dos países latino-americanos. Se seguir nesse ritmo, os números sugerem que, até 2015, o país conseguirá reduzir em dois terços essa proporção. Em 1990, para cada mil partos bem-sucedidos, 60 crianças morriam antes de completar 5 anos de vida. Em 2001 esse número havia caído para 36. A meta para 2015 é que essas mortes não passem de 20 a cada mil nascidos vivos.

## MORTALIDADE INFANTIL

### Taxa de mortalidade de crianças com menos de 5 anos a cada 1000 nascimentos

Meta: Reduzir em dois terços, entre 1990 e 2015, a mortalidade de crianças menores de 5 anos



Os registros mais preocupantes para o Brasil dizem respeito às metas relativas a saneamento básico. No caso da proporção da população que vive em habitações com esgotamento sanitário, o país foi classificado no Relatório entre aqueles que devem considerar essa questão uma alta prioridade. A advertência se deve ao lento ritmo de evolução dessa porcentagem dos brasileiros: ela cresceu de 71% em 1990 para 76% em 2001. A Meta é chegar a 86% até 2015.

A dificuldade se repete no acesso a água potável. A proporção da população brasileira com uma fonte de água limpa em suas residências cresceu de 83% para 87% entre 1990 e 2001. A meta é que esse percentual chegue a 92%. O problema, no caso, é que a média oculta as diferenças entre grupos populacionais. Como se pode ver pelo gráfico abaixo, enquanto o acesso à água potável é crescente nas áreas urbanas, no meio rural houve um retrocesso nos anos 90.

